

As práticas filosóficas nos escritos de Cícero segundo o “cuidado de si” de Michel Foucault

Kauana Candido Romeiro¹

RESUMO: A partir dos estudos de Michel Foucault das práticas do “cuidado de si” na Antiguidade, empreenderemos uma análise de alguns escritos de Cícero, político e filósofo romano do século I a.C. Este estudo resultou nos cursos- livros *A hermenêutica do sujeito* (1982), *O governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984). Foucault indicou modos de construção de si pelo próprio sujeito, constituídos por práticas, exercícios em torno de si, que possibilitavam uma condução da vida e da alma na busca da felicidade e de uma velhice tranquila, sem medo da morte. Assim investigamos estas práticas do “cuidado de si” nas *Tusculanas* e no *Dos limites do bem e do mal*, e como estas contribuíram para a maneira de bem viver de Cícero.

Palavras-chave: Michel Foucault; Cícero; Roma Antiga.

1 O cuidado de si: o inventário foucaultiano

Este trabalho tem como referência teórica as pesquisas do pensador contemporâneo francês Michel Foucault, a respeito do qual “[...] há uma hipótese, muito em voga entre intérpretes contemporâneos, que seu pensamento é composto de três eixos temáticos: (1) arqueologia do saber; (2) genealogia do poder e (3) ética do cuidado de si.” (OLIVA, 2011, pp. 101-102). Sobre este possível terceiro eixo temático se concentra esta pesquisa. A ética do cuidado de si envolve investigações iniciadas no fim dos anos 1970 e que estavam em curso quando Foucault faleceu, no ano de 1984. As investigações resultaram em algumas publicações que utilizo neste trabalho, *A hermenêutica do sujeito* (curso transcrito ministrado no Collège de France, entre 1981 e 1982) e os dois últimos volumes da *História da sexualidade* (O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si, 1984).

¹ Kauana Candido Romeiro é graduada em História pela UEL. Email: kauanacandido@yahoo.com.br.

As pesquisas de Foucault sobre o cuidado de si foram empreendidas em direção à Antiguidade clássica, entre os antigos gregos e romanos. Para isso, se dedicou a um grande conjunto documental que abrangia um extenso recorte temporal, do século V a.C. ao V d.C. Investigou as ações empreendidas pelo sujeito sobre si mesmo, no período da Antiguidade grega e romana. As ações, exercícios e práticas realizadas pelo sujeito tinham a finalidade de transformação, com o propósito de ser mais forte frente à morte, frente à perda de uma pessoa próxima. Na análise de alguns escritos de Cícero é possível encontrar algumas práticas, exercícios, que Foucault designou como *técnicas* ou *práticas de si*.

Segundo o historiador e sociólogo Alfredo Oliva, Michel Foucault:

[...] não desejava filosofar tomando o sujeito como fundamento, mas sim problematizar a própria vida subjetiva ao torná-la seu “objeto” de investigação. Ao tomar a subjetividade como historicamente constituída, Foucault a transformou em algo relativo; e se é algo relativo, transitório, portanto submetido ao transcurso temporal como qualquer outro “objeto”, não pode ser reivindicado como fundamento do conhecimento, como desejava a filosofia moderna desde Descartes. (OLIVA, 2011, pp. 103-104).

Este trecho nos mostrou que Foucault lançou luz sobre a capacidade do sujeito de se transformar, partindo das *técnicas de si*, das operações no corpo e na alma, nos pensamentos, nas condutas, presentes no período da Antiguidade Clássica nas escolas filosóficas. Vemos com isso que a filosofia antiga privilegiava alcançar certo estado de perfeição, felicidade, resistência, pureza, por meio de uma ascese (*askesis*), uma ética: a ética do cuidado de si.

“Foucault projetou luz sobre campos até então ignorados pela historiografia [...] e criou expressões para traduzi-los.” (RAGO, 2011, pp. 70). O estudo realizado sobre o cuidado de si trouxe outra perspectiva, “projetou luz”, para se pensar o mundo antigo e a construção da subjetividade. Além disso, Foucault, traduzindo os termos gregos e latinos, criou expressões que podemos utilizar em nossas pesquisas. Assim, “Foucault proporá outras questões para a história [...] a ideia de subjetivação, isto é, dos modos através dos quais os indivíduos se produzem e são produzidos numa determinada cultura, através de determinadas práticas e discursos, enquanto *subjetividades*.” (RAGO, 2011, pp. 76-77).

Ainda nesse sentido, podemos ver que os estudos de Foucault direcionados para a subjetividade permitem:

A constatação da existência de modos diferenciados de formação do indivíduo, tanto na relação com os códigos sociais quanto na relação consigo mesmo, permite problematizar e desnaturalizar as práticas modernas de produção de si, evidenciando sua dimensão normativa, despoticizadora e sedentarizante. (RAGO; VIERA, 2009, pp. 47)

Com isso, volta-se para o mundo grego com o propósito de ver outras perspectivas para enfrentar nosso tempo. Mas, a “[...] afinidade entre Foucault e a moral antiga se reduz à moderna reaparição de uma única carta no interior de uma partida totalmente diferente; é a carta do trabalho de si sobre si, de uma estetização do sujeito [...]” (VEYNE, 1985, pp. 934). Foucault não pretendeu recuperar uma moral e implantá-la no nosso século, mas nos mostrou outras práticas, formas possíveis de autocriação individual.

Assim, utilizando definições, discussões e textos das diversas escolas filosóficas antigas, Michel Foucault fez suas investigações, complementando-as com seus comentários e suas próprias traduções. Michel Foucault analisou uma expressão antiga grega, *epiméleia heautóu*, que os latinos traduziram por *cura sui*, cuja etimologia nos remete às formas de atividades físicas e espirituais: ocupar-se consigo; *melétai*: exercitar-se em ginástica, em treinamento militar; *epimélesthai*: forma de atividade vigilante, contínua, aplicada, regrada, etc. (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 77). E, “[...] *gymnázein*: que indica o fato de fazer ginástica para si mesmo, [...] reporta-se mais a uma prática em situação real”. (FOUCAULT, 2010a, [1982] pp. 77, 382). *Meletân* seria mais no sentido de exercitar-se em pensamento, pela meditação, pelo silêncio, a leitura e a escrita; já *gymnázein* significaria exercitar-se realmente o corpo para a vida, para uma situação real. Todas estas expressões circundam o que significaria “cuidado de si”, envolvendo várias práticas e exercícios do sujeito para consigo, caracterizando a atitude filosófica ao longo do período helenístico, nas escolas filosóficas da Antiguidade greco-romana nos séculos V a.C. até o século V d.C.

Juntamente com esta expressão, outra aparece: *gnothi seautón*, o “conhece-te a ti mesmo”, que parece ofuscar aquela primeira expressão, *epiméleia heautóu*. A primeira

frase refere-se ao princípio délfico, “O “conhece-te a ti mesmo” faz parte de um conjunto de recomendações referente ao modo adequado pelo qual alguém deve se preparar para consultar o deus Apolo” (CANDIOTTO, 2008, pp. 91). Tendo isso em mente, pretende-se recomendar que não se fosse procurar o oráculo com questões inúteis, sem saber o que realmente quer perguntar e saber. Uma espécie de recomendação fundadora da relação entre sujeito e a verdade, isto é a busca pelo conhecimento. Com isso, ambas as expressões aparecem no contexto da Antiguidade Clássica e encontram-se relacionadas uma à outra nos diálogos de Platão, nos quais indica-se “[...] que conhecer a si mesmo constitui desdobramento do princípio do cuidado de si. A missão divina de Sócrates consiste em impelir os outros a se ocuparem de si mesmos, a terem cuidados consigo.” (CANDIOTTO, 2008, pp. 91). Podemos ainda completar com Grós, na *situação de curso* presente na obra *A hermenêutica do sujeito* (2010a [1982] pp. 473) que “[...] os atos que realizo só tem valor enquanto me ajudam a melhor me conhecer.” Cuidado de si e conhecimento de si embrincados no modo de subjetivação do sujeito antigo, dando-se o segundo no contexto do primeiro.

O cuidado de si perpassa as culturas grega, helenística e romana, não só na filosofia, mas também como princípio de racionalidade para a condução moral, empreendida pelo próprio sujeito sobre si mesmo. Na reflexão filosófica, Foucault viu traços de sua emergência do cuidado de si na figura de Sócrates até o limiar do cristianismo. Mas, “o princípio ‘ocupar-se consigo’ não foi, desde a origem e ao longo de toda a cultura grega, uma recomendação para os filósofos” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 30). Foucault mostra que aparece a expressão *epimeleia heautou* quando Plutarco pergunta a um lacedemônio porque eles próprios não cultivavam as terras conquistadas, deixando-as a cargo dos *hilotas*, e este responde: “simplesmente para podermos nos ocupar de nós mesmos” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 32). Não se trata de um cuidado filosófico, mas apenas um privilégio econômico, social e político da aristocracia espartana, que se ausentava desse trabalho a fim de cuidar do que interessava a eles. “O cuidado de si está longe de ser privilégio aristocrático, tal é sua difusão nas camadas desfavorecidas da sociedade mediante grupos organizados em torno de cultos definidos e redes de amizade

que prescrevem direitos e obrigações específicas.” (CANDIOTTO, 2008, pp. 94). Mas, a diferença está entre os que têm tempo para empregar-se em um ócio cultivado, num cuidado de si, escolhendo um modo de viver, daqueles que não tem ou não querem.

Esta estética da existência tem um efeito, como uma: “[...] busca de uma ética como estilo de existência [...] em termos de uma superioridade estatutária permitida a uma elite social.” (FOUCAULT, 2010a [1982], pp. 480). Mas a prática ao longo dos séculos se generaliza, e Grós completa: “[...] há, no estoicismo romano, uma liberação da ética relativa às condições sociais (até um escravo pode ser virtuoso), uma vez que é enquanto ser razoável que o homem pode pretender o bem.” (2010a [1982] pp. 480). Assim, o homem enquanto ser portador de razão deve procurar o bem, viver virtuosamente, cuidando de si, cuidando dos outros, sendo “um cidadão do mundo” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 486) pronto para ação, para os acontecimentos do mundo.

Uma reflexão trazida por Margareth Rago e Priscila Viera se torna muito importante, no sentido de mostrar que o cuidado de si, apesar de ser um trabalho do indivíduo sobre si mesmo, implica uma relação com o mundo, que atingiu seu auge no Império Romano, mas tendo uma história muito antiga, desde Sócrates:

Foucault afirma que o cuidado de si no Império Romano não foi uma manifestação de um individualismo crescente, mas “o desenvolvimento daquilo que se poderia chamar uma ‘cultura de si’, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo”. O cuidado de si, assim, não se concretiza somente nas experiências desenvolvidas em escolas, mas em todo o feixe de relações habituais de parentesco, de amizade ou de obrigação. Por isso, não eram práticas em que os indivíduos se voltavam somente para si, mas supunham relações com o outro e com o mundo. (RAGO; VIERA, 2009, pp. 55)

Ao analisar a figura de Sócrates no livro *Alcibíades*, Foucault observa que aquele retomava a expressão antiga com o intuito de fazer o interlocutor refletir sobre si mesmo para saber o que havia de ser sua atividade política e a exercitar este cuidado numa relação mestre e discípulo. Alcibíades queria transformar seu *status* privilegiado² em ação política,

² “Alcibíades é dono de uma avultada fortuna [...]” (FOUCAULT, 2010a [1982] p. 31).

“em governo efetivo dele próprio sobre os outros, em ser um “cidadão do mundo”. [...] É nesse momento que nasce a questão do cuidado de si” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 32). Sócrates mostrava que a necessidade desse cuidado vinha da insuficiência pedagógica pessoal e, de maneira geral, ateniense. Pois, frente a seus adversários políticos e inimigos da cidade, mostrando as vantagens na educação dos jovens espartanos, e como era a educação recebida pelo jovem príncipe persa, Sócrates procurava evidenciar um déficit na educação de Alcibíades.

Assim, a necessidade do cuidado de si se vinculava ao exercício de poder, quando Alcibíades queria alcançar um governo efetivo na cidade: “Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 35). Neste mesmo sentido Foucault completa: “A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante a sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade.” (FOUCAULT, 2010c [1984] pp. 98) Numa função de crítica a fim de que se corrija e se perceba os erros, “pois o cuidado de si exerce papel de correção. Seja lembrada a correção feita por Sócrates a Alcibíades, ao apontar nele a ignorância que ignora a si própria.” (CANDIOTTO, 2008, pp. 94)

Mas, o que é esse *si mesmo*? Quando Sócrates incita Alcibíades a cuidar de si, o *eu* a que se refere é a alma, sendo que ao se fortalecer, protegeria a alma impedindo que algo exterior venha a atingi-la, o que levaria ao enfraquecimento da razão, da mente e do corpo.

Nos séculos I e II da nossa era, o “cuidado de si” não se direciona mais somente a jovens que empreendem exercícios sobre si para exercer o poder político, este princípio passa a ser coextensivo à vida, o cuidado deve agora durar a vida toda, uma preparação para todas as adversidades que possam nos atingir, além de corrigir os vícios. O princípio se generaliza tomando a forma de uma cultura de si, “[...] chega-se nos séculos I-II d.C a uma

cultura de si, uma prática de si cujas dimensões são consideráveis, cujas formas são muito ricas [...]” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 282).

A *cultura de si* se constitui por um conjunto de valores que têm uma coordenação, hierarquia e subordinação, na prática dos exercícios, na relação entre mestre e discípulo, constituindo uma arte de viver.

[...] o que se poderia chamar “artes da existência”. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 2010c [1984] pp. 17-18)

A prática de exercícios físicos, exame de consciência, meditações, leituras, anotações de conversas, tarefas práticas pedagógicas, filosóficas, médicas, foram desenvolvidas nas grandes escolas filosóficas helenísticas, principalmente no estoicismo, e devem fazer parte da rotina, dos pensamentos, do sujeito. Na tradição pitagórica havia diversos exercícios: “regime alimentar, inventários das faltas no fim do dia, ou ainda práticas de meditação que devem preceder o sono de maneira a conjurar os maus sonhos e favorecer as visões que podem vir dos deuses [...]” (FOUCAULT, 2010c [1984] pp. 92). A vida torna-se como uma obra de arte, a cada pincelada, um exercício, e com estas modificações se desenham na tela a fim de delinear uma figura, assim ocorre também no sujeito constituindo, ele mesmo, sua subjetividade.

A realização desses exercícios, dessas práticas tem por objetivo encontrar a felicidade em si, de modo a vencer os vícios, sendo firme e sereno nas adversidades, recusando os deleites, tendo domínio de si num combate interior e exterior com o *eu*. Analisaremos, por meio de todo este aparato teórico, o diálogo entre o “cuidado de si”, esta técnica de vida antiga, e alguns escritos de Marco Túlio Cícero.

2 As práticas filosóficas nos escritos de Cícero segundo o *cuidado de si* de Foucault

Segundo Marilena Chauí (2010, p. 225-226) e Maria Helena Pereira (2002, p. 126-128), Marco Túlio Cícero nasceu em 3 de janeiro de 106 a.C., em Arpino, próximo a Roma. Em 79 a.C., foi estudar em Atenas, onde teve aulas de retórica e uma aproximação com a escola epicurista. Ingressou na política em 75 a.C. como *questor* na Cilícia. Com grande talento oratório, ascendeu a *edil curul* em 69 a.C., pretor em 66 a.C. e, em 63 a.C., ao cargo de cônsul. Nesse momento, Cícero enfrentou uma conspiração organizada por seu adversário político derrotado, Catilina. Tendo o Senado decidido executar um grupo de conjurados, adversários de Cícero o acusaram de abuso de poder, e o baniram de Roma em 58 a.C. (para onde retornou em 57 a. C.). Marco Túlio Cícero, defensor da República, se desgostou com a tirania que via se desenrolar com a morte de César, e com isso se afastou da política. Com a união de Marco Antônio, Lépido e Otávio no segundo triunvirato, Cícero foi executado.

Cícero foi político, filósofo (dele restam 12 tratados), teorizador de retórica (com seis obras) e *patronus* perante tribunais romanos³. Teve uma formação variada, contato com a escola de Panécio e Posidônio (estoicos, sendo que o último, ao fundar uma escola em Rodes, recebeu a visita de Cícero), além de ter conhecido o epicurista Fedro. Frequentou escolas epicuristas, levando seu amigo Ático. Teve contato, assim, com diversas tendências filosóficas, o que lhe proporcionou ser eclético, não se recolhendo em uma doutrina filosófica, sendo que o valor de sua obra, para Maria Pereira (2002, p. 176), “[...] reside precisamente no seu carácter a um tempo formativo e informativo. Estando voltada para uma moral prática, [...] veio a ser o grande manual de iniciação que ajudou a formar as consciências, directa ou indirectamente, na Europa medieval e renascentista.” Dedicou-se a sua formação desde os 18 anos até 63 anos, idade em que foi assassinado.

Cícero não pertence à linhagem da antiga aristocracia. Como se dizia na época, ele era um “homem novo” [...] não dispõe de clientelas preestabelecidas, legadas por seus pais, nem de uma rede preexistente de relações: subiu na escala social, senão inteiramente sozinho, em todo caso por suas próprias forças. (ROULAND, 1997, p. 458).

³ Inclusive, a maioria das obras oratórias dele que nos chegaram são de discursos judiciais.

Seu talento oratório e formação erudita, aliados à sua eficiência nas defesas, levaram-no à fama e ao consulado. Como Rouland (1997) colocou, por suas próprias forças atingiu tal posição. Para Neal Wood (1988, p. 45), Cícero tem uma posição conservadora política e moralmente, para a qual são ingredientes básicos a “dominação da aristocracia senatorial ao controlar rigorosamente o estado, a supressão de líderes e movimentos populares e a oposição inflexível a quaisquer reformas econômicas, governamentais ou culturais”.

Depois deste breve resumo biográfico, passemos para a análise de alguns escritos desta nossa figura. Procuramos ver como várias recomendações e argumentações de Cícero se alinham com um cuidar de si. Não temer a morte, manter o pensamento livre de mitos e opiniões nocivas para alma, meditar, enfim uma série de exercícios que nos faz pensar na perspectiva do “cuidado de si” de Michel Foucault.

Analisaremos dois escritos de Cícero, nesta parte do trabalho, as *Tusculanas* e o *Dos limites do bem e do mal*. As *Tusculanas* constituem cinco livros, e de acordo com Maria Pereira (2002, p. 130) foram escritas em 45 a.C. No momento Cícero se afastou do Senado e dos trabalhos de advogado e passou a viver um ócio cultivado, ou seja, em seu tempo livre estudava os princípios e regras relacionadas à arte de viver sabiamente, que se encontravam na filosofia, como forma de cuidar da mente, da alma. Podemos perceber com isso o que nos falou Foucault sobre a filosofia antiga e o modo de viver sabiamente por meio dos ensinamentos e os exercícios das escolas helenísticas.

Como estou livre, inteiramente ou em grande parte, dos trabalhos de advogado e do senado, voltei, ó Bruto, a dedicar-me aqueles estudos a que tanto me exortavas que não tinham saído da minha mente [...] E, agora, uma vez que os princípios e regras de todas as artes relacionadas a viver sabiamente, no caminho da razão e da disciplina, dependem do estudo da sabedoria, que é chamada filosofia, pensei ser um labor digno de eu explicá-la na língua latina [...]. (CÍCERO, *Tusculanas I*, I).

Estes diálogos (as *disputas*) compõem cinco livros com discussões de temas filosóficos sobre a morte (livro I), a dor (livro II), a medicina da alma, sobre a aflição (livro III), a perturbação (IV) e sobre a vida feliz e a consolação (uma terapêutica que Cícero nos

aponta também nas *Tusculanas III*, mas que se fundamenta no livro V). Para André Menezes (2011) por meio das *Tusculanas* podemos apreender vários discursos elaborados pela medicina hipocrática, pelo estoicismo, cirenaísmo, epicurismo em relação às paixões, aos sofrimentos, os vícios que afetam a sanidade da razão e perturbam a alma⁴, durante toda a Antiguidade. Discursos que se constituiriam como uma terapêutica, principalmente no livro III, pois Cícero examinou diversas formas de paixões e virtudes, tomando alguns exercícios das escolas filosóficas, como, por exemplo, a meditação sobre os males e a premeditação dos infortúnios (ROCHA, 2011, pp. 101), como fundamentais na prática filosófica e, como veremos ao longo deste capítulo, constituindo em nossa análise uma forma de cuidar de si.

Cícero fora um eclético, transitando pelo estoicismo, platonismo, pelos cirenaicos, peripatéticos, como apontam Chauí (2010) e Maria Pereira (2002). O ecletismo de Cícero se constitui um método que selecionava e escolhia teses advindas de diferentes filosofias com que teve contato. Cícero reuniu estas teses num todo novo e original. Perceberemos este método ao analisar as diferentes concepções de alma e de morte, argumentos diversos, contrapostos que Cícero nos trouxe das filosofias antigas. A originalidade de Cícero em difundir a filosofia grega, preenchendo esta lacuna, aliou-se à tolerância, à disponibilidade que tinha para ouvir os outros, sua ausência de dogmatismo, sua independência em não se ater a uma escola filosófica, criando à sua maneira uma filosofia própria como guia de vida. “De qualquer modo, Cícero não se limita a ser um grande transmissor do saber grego: completa-o com a experiência romana e torna-o atraente com seu modo de expressão a tempo dúctil e vigoroso.” (PEREIRA, 2002, pp. 136). Ao defender a filosofia grega, recria-a por meio de seu ecletismo para o mundo romano. Assim, Marco Túlio Cícero abordou as filosofias ao seu modo e retirou delas o que achara mais conveniente para sua vida. Este fato nos faz pensar no uso do aporte teórico e vocabular de Michel Foucault, em torno do cuidado de si.

⁴ André Menezes (2011) usa ânimo, enquanto Marilena Chauí (2010) utiliza-se de alma quando estudam as *Tusculanas*. Preferimos utilizar o termo alma, que carregaria mais a ideia de razão e emoção. Trataremos mais disso ao longo deste artigo.

Essa relação também pode ser percebida no *Dos limites do bem e do mal*⁵, escrito filosófico do mesmo período de afastamento das atividades de Marco Túlio. Este tratado filosófico se compõe de cinco livros em forma de diálogos, também com amigos, políticos romanos, investigando o que seria o maior bem na vida, e o que seria o mal supremo. Para isso, expõe os pareceres das principais escolas filosóficas antigas. Nesta obra, Cícero defendeu, ainda, que o ser humano cuide de si, assim já fazemos a leitura voltando-nos para o cuidado de si, que deveria ser para Cícero uma preocupação constante nos sujeitos, não admitindo ser deixada de lado: “Há alguém que deixe de lado o **cuidado de si mesmo** ou de alguma parte sua, ou a conservação das suas forças, ou o movimento, o estado, ou alguma das outras coisas convenientes a sua natureza?”. (CÍCERO, *SBSM IV*, XIII, negrito nosso).

Cícero utilizou seu tempo ocioso para estudar filosofia, produziu livros sobre esta matéria e discutiu com seus familiares e amigos. Imbuiu-se de explicar em língua latina a filosofia por que “[...] A filosofia era desprezada; até a época atual, ninguém tinha escrito na língua latina, e agora procuro ilustrá-la e elevá-la. Fui útil para os cidadãos nos cargos públicos, também agora serei produtivo na ociosidade.” (CÍCERO, *Tusculanas I*, II). Para Neal Wood (1988, p. 57):

Suas obras filosóficas são escritas especialmente para a instrução moral dos jovens, embora os homens de idade avançada podem também encontrar consolo nelas. Durante um período de turbulência cívica quando o Estado romano degenerou em uma tirania, Cícero sugere que os seus pensamentos, agora que ele não está mais no comando do governo, possam fornecer direção e orientação para a vida pessoal dos seus contemporâneos. No entanto, ele também considera que o estudo da filosofia e da escrita irá ressuscitar e elevar seu próprio espírito, que foi esmagado por suas muitas tribulações.

Podemos considerar então uma semelhança com a atividade de Sócrates, em indagar e instruir jovens em Atenas, ou podemos ver a tentativa de Cícero instruir os jovens em sua vida pessoal em meio às turbulências do período. Como Chauí (2010, p. 222) coloca: “Com

⁵ Optamos por abreviar a obra *Sumo bem e sumo mal* por SBSM.

Cícero, testemunhamos a síntese de dois momentos finais: o da filosofia grega, que passará a falar latim, e o da cultura republicana romana [...].” Nosso filósofo viveu em um período conturbado da história romana (final da república, guerras civis e ascensão da tirania, como aponta Neal Wood). Podemos inferir sobre suas preocupações, perturbações que interferiam no seu ser. E, passou a estudá-las e a cuidar de si tendo como arte de viver a filosofia e a sabedoria.

Defendeu, assim, a prática filosófica para aprimorar seu espírito e guiar seus concidadãos em seus livros, como no *Sumo bem e sumo mal*, reforçando a defesa de que pela filosofia se chegará à sabedoria (CÍCERO, *SBSM I*, I). E trabalhou para servir os concidadãos “[...] pois que coisa há de mais digna de investigar para a vida humana que o fim, a razão última a que se hão de referir todos os propósitos de bem viver e de bem agir, e [...] o que é mais excelente e verdadeiro em toda a ocupação da vida?” (CÍCERO, *SBSM I*, IV). Para dirigir a vida, bem viver e agir reafirma a importância da filosofia: “Como a filosofia toda se dirige a produzir uma vida feliz, e como não é senão por apeteçê-la que se dedicam os homens ao seu estudo [...]” (CÍCERO, *SBSM II*, XXVII). Assim, a felicidade e o sumo bem residem na sabedoria, no estudo da filosofia, fazendo-nos ver o que seja certo ou errado, ou ainda, os melhores preceitos e princípios para agir. Como já colocamos na primeira parte deste trabalho, percebemos que o ser humano enquanto ser portador de razão deve procurar o bem, viver virtuosamente, cuidando de si, cuidando dos outros, sendo “um cidadão do mundo” (FOUCAULT, 2010a [1982] pp. 486) pronto para ação, para os acontecimentos do mundo. Estas técnicas aparecem na necessidade de Cícero de encontrar em si um refúgio frente à dominação, tornando as técnicas também práticas de liberdade.

Cícero discutiu à maneira grega temas clássicos nas escolas filosóficas antigas e na forma de diálogos compõe seus livros. Tal como o “querido e famoso Platão”, escreveu em forma de diálogo, utilizou-se de personagens e interlocutores para suas obras, como Cipião Emiliano, Lélcio, Catão (presente no *Sumo bem e sumo mal*), também mantinha correspondências ou protagonizava diálogos, ainda, com familiares e amigos: seu irmão Quinto e seu amigo Ático (possível discípulo nas *Tusculanas*). (PEREIRA, 2002).

2.1 Sobre a morte e a natureza da alma

Cícero discutiu sobre a morte, um tema de extrema importância para os antigos e para a filosofia. Tal discussão já seria um treino para morrer, tendo em vista o cuidado de si, promovendo a desconstrução de mitos enraizados na mente do discípulo. Isto se constituiria como um exercício do pensamento sobre si mesmo, realizado por meio da meditação e do diálogo interior, constatando a finitude da existência, o que levaria ao desprendimento das paixões para viver sabiamente, contemplando toda a natureza, o mundo, em sua beleza e singularidade (HADOT, 1995, pp. 93-96). O que nos faz lembrar toda a argumentação de Cícero sobre a alma, a importância de ter pureza no pensamento para a morte não ser um mal, se livrando das emblemáticas histórias sobre juízo final, o Tártaro.

Temos o exercício sobre o pensamento, o diálogo, a prática da escuta, a maneira de dizer de Cícero, alguns dos exercícios sobre a alma que Cícero nos apresenta, e que iremos discutir que tem a finalidade de proteger a alma. O diálogo nas *Tusculanas* entre Cícero e seu amigo e no *Dos limites do bem e do mal* com Catão, Torquato e outros conhecidos, constituiu uma prática de si importante para o sujeito falar o que sente e ouvir ensinamentos e recomendações. Percebemos, assim, que por meio da prática da escuta, o sujeito recolhe o *lógos* (o discurso verdadeiro⁶) em seu espírito e sua mente, para servir como regra de conduta. Para a enunciação desse *lógos* necessita-se de *léxis*, uma maneira de dizer, escolhendo os termos, observando as semânticas e o estilo, para melhor convencer e guiar o discípulo. Constantemente utiliza frases gregas para melhor expressar seu pensamento, “Direi para você, se puder, em latim. Você sabe que não sou mais acostumado a dizer em latim as frases gregas, do que em grego as latinas.” (CÍCERO, *Tusculanas* I, VIII).

Cícero tendo sua própria maneira de dizer, discutir, propôs, então, uma pergunta ‘A morte seria um mal?’ discutindo-a pouco a pouco, seguindo o método de Sócrates. Por parte do discípulo de Marco temos a escuta filosófica, a prática de ouvir que através da

⁶ CHAUI (2010, p. 349) *Lógos*: reúne numa só palavra quatro sentidos: linguagem, pensamento ou razão, norma, ou regra, ser ou realidade íntima de alguma coisa.

maneira de dizer de Marco, chega-se, “pouco a pouco, meditando sobre ela, transformando-a elemento por elemento, a um preceito de ação [...]” (FOUCAULT, 2010a, pp. 312), uma regra para viver, desconstruindo a ideia de que a morte seja um mal:

Marco: Que? Você admitiu isto - que a alma ainda existe depois da morte? Ou que ela perece com a morte? A (discípulo): Eu acredito nisso. E, se existem, admito que eles sejam felizes; mas se eles perecem, eu devo supor que são infelizes, porque, de fato, eles não existem. Você empurrou-me a esta concessão, mas só agora. Marco: Como, então, você pode, ou porque você insistiu, em pensar que a morte é um mal, quando isto os faça felizes, no caso da alma continuar existindo, ou não infelizes, sendo destituídos de todas as sensações? (CÍCERO, *Tusculanas I*, XI).

O aspirante acreditava que a morte seria um mal, pois os mortos não existem mais. Para Marco isso advém de muitas imagens erradas que o aspirante tem em mente vindas das más opiniões que consideravam a morte como um mal devido ao desaparecimento do ser, sua extinção, ou sua possível última morada, a qual poderia não ser agradável como este mundo. Mas, para nosso filósofo esta não seria um mal, chegando a duas proposições: caso a alma, quando esta se emancipa do corpo, nos livramos dos desejos e estímulos que se rivalizavam com aquilo que nos fazia feliz, sendo o conhecimento das coisas celestiais, a verdade; caso não, Cícero viu a morte como a dissolução de todas as sensações, já que os mortos não existem mais, de nenhuma forma.

Diga-me, por favor, você tem medo do Cérbero de três cabeças, do estrondo do rio do inferno, de Tântalo sofrendo com a água tocando seu queixo, da travessia do Aqueronte, se Sísifo suando com a pedra levando-a inutilmente até o cume do monte? [...] Talvez você tema essas coisas e por isso julgue a morte um mal eterno. (CÍCERO, *Tusculanas I*, V).

Na discussão filosófica, neste trecho, vemos que Cícero já vinha deste o início do livro discutindo a proposição e levando seu interlocutor a pensar sobre diferentes perspectivas a questão da morte a fim de conduzi-lo a um preceito de ação: não temer a morte. O aspirante não acredita naquelas coisas, mas defende que os mortos são infelizes porque não existem. “A: Digo Marcus Crassus é infeliz, porque perdeu suas riquezas pela morte, e infeliz de Pompeu que foi privado de tanta glória; em suma, são infelizes todos os

que foram privados da luz da vida.” (CÍCERO, *Tusculanas I*, VI). Como coloca à frente no livro I: “o que nos torna apreensivos, ou melhor, nos dá uma dor, são o deixar todas as coisas boas da vida.” (CÍCERO, *Tusculanas I*, XXXIV). Com isso, passam a discutir o que seria a alma, sua natureza, e sua implicação com a vida feliz e sábia.

Cícero prossegue ensinando ao seu discípulo que a morte não é um mal, investigando primeiramente o que seja a morte. Para alguns é a separação da alma do corpo, outros negam tal separação e ainda tem aqueles que acreditam que ambos pereçam: “Uns creem na separação da alma, outros na sua imediata dissolução, outros na sua sobrevivência por algum tempo, outros para sempre. Há uma grande discussão sobre a alma: o que ela é, aonde esta e de onde vem.” (CÍCERO, *Tusculanas I*, IX).

Mostramos até aqui como Cícero estava se relacionando com seu amigo, como pensava a morte, e as questões em torno desta, e o que pretendeu atingir com todo este discurso. Tendo em vista o diálogo e seus conhecimentos filosóficos, Cícero pretendeu desconstruir a ideia de que a morte seja um mal, se valeu da *theoria*, dos estudos, discursos e entendimento do que seria a alma para que o indivíduo não temesse a morte. Pois, ou a morte cessaria as paixões, as sensações danosas que nos cercaria, ou traria a tranquilidade.

Hadot coloca que para se relacionar com a morte: “Nós devemos transformar, virar, rejeitar em nosso pensamento tudo que é mortal e material.” (1995, pp.100). Afastar-se de tudo que corromperia nossas almas, de tudo o que não seria bom e tranquilo para o nós, a fim de nos relacionarmos melhor com a finitude, com a morte.

Assim, pensando no aporte teórico de nossa pesquisa, os pensamentos e ações do sujeito transformam-se para recolher em sua interioridade os conselhos e os discursos filosóficos a fim de enfrentar os acontecimentos da vida, dissipar os vícios da existência, tranquilizar seu interior, obtendo uma existência positiva consigo e com o mundo. Como Cícero escreve: “Vamos lançar os alicerces de nossa felicidade na força e grandeza de nossas mentes, em um desprezo e desconsideração de todas as coisas terrenas, e na prática de todas as virtudes.” (CÍCERO, *Tusculanas I*, XL). Como Pierre Hadot (1995) menciona a meditação, o diálogo entre mestre e discípulos, e o recolhimento dos ensinamentos das doutrinas filosóficas, resultaria numa progressão espiritual, passo a passo, a cada leitura, a

cada discussão, a cada diálogo consigo mesmo. Doses do conhecimento filosófico passam a ser o remédio para a alma perturbada e para reacender “as sementes das virtudes” em nossa alma.

Por tudo isso, Marco Túlio Cícero, nas *Tusculanas*, no *Sumo bem e sumo mal* indicou exercícios que empregou em si mesmo, ao pensar sobre a morte, no sumo bem e no sumo mal da vida, na filosofia como forma de atingir a tranquilidade, na virtude, além de outros exemplos. Se este viveu e praticou exatamente o que disse, ou se ganhou o consulado em virtude das sugestões do irmão, nunca saberemos, mas seus escritos, seus diálogos, seus exercícios constituem um objeto de importante investigação, não só para mostrar como um homem político e filósofo romano cuidou de si mesmo, mas também para pensarmos na nossa própria subjetividade, no nosso modo de viver.

The philosophical practices in the writings of Cicero from the Care of the self Foucault

ABSTRACT: From the studies of Michel Foucault practices of self-care in antiquity, we will undertake an analysis of some writings of Cicero, Roman politician and philosopher of the first century BC. This study resulted in the courses: *The hermeneutics of the subject* (1982), *The government yourself and others* (1983) and *The Courage of Truth* (1984). In this Foucault indicated modes of construction of the self by the subject, consisting of practical exercises around him that enabled a leading life and soul into the pursuit of happiness and a peaceful old age without fear of death. Thus we investigate these practices of self-care in *Tusculanas* and *Sumo well and sumo evil*, and how these contributed to the way of living well from Cicero.

Keywords: Michel Foucault; Cicero; Ancient Rome.

Referências

Fontes

CÍCERO. *Do sumo bem e do sumo mal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CÍCERO. *Tusculanas*. Disponível em:
<<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc1.shtml>>;
<<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc3.shtml>>. Acesso 16 out. 2011.

GARVIN, Ted & EITZEN, Hagen. *Project Gutenberg's Cicero's Tusculan Disputations, by Marcus Tullius Cicero.* Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/14988/pg14988.txt>>. Acesso em 26 out 2011.

Bibliografia

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e Verdade no Último Foucault, *Revista Transformação/ Formação/Ação*, 31, 2008, p. 87-103.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 2.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros.* São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade.* São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *História da sexualidade.* São Paulo: GRAAL, 2010c. Vol. 2.

FUNARI, Pedro. P. *Roma: vida pública e vida privada.* São Paulo: Atual, 2003.

GOODMAN, M. *The Roman world.* Londres: Routledge, 2007.

GONÇALVES, Ana. *Lei e ordem na república romana: uma análise da obra de legibusde Cícero.* Disponível em: <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/historia_militar/lei_ordem.html>. Acesso em: 4 set. 2010.

HADOT, Pierre. *Philosophy as a Way of Life.* Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.

MCDONALD, A. H. *Roma republicana.* Lisboa: Verbo, 1971.

OLIVA, Alfredo dos S. Algumas considerações sobre 1 Timoteo 4,1-16 a partir da ética do cuidado de si de Michel Foucault, *Revista Pistis*, 1, 2011, p. 99-119.

PEREIRA, Maria H. *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. V. 2.

PORTOCARRERO, Vera. *Governo de si e cuidado de si*. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/portocarrero.htm>>. Acesso 26 set 2011.

RAGO, Margareth. *O efeito foucaultiano na historiografia brasileira*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0712/efeito.pdf>. Acesso: 27 mai. 2012.

ROCHA, André. *História dos discursos sobre as paixões nas Tusculanas de Cícero*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2024/andre.pdf>>. Acesso em: 26 mai 2011.

WOOD, Neal. *Cicero's Social and Political Thought*. Los Angeles: Universidade da Califórnia, 1991.

Data de envio: 22 de outubro de 2013.

Data de aprovação: 15 de fevereiro 2014.

Data de publicação: 2 de Abril de 2014.